

***SINCRONICIDADES BRASILEIRAS:
INGREDIENTES DE UM FUTURO E UMA EDUCAÇÃO MELHORES***

Leandro Montandon de Araújo Souza¹

Em uma bela canção denominada *Samba da Benção* (1967), o carioca Vinícius de Moraes sintetizava uma pérola da sabedoria ao dizer que a “*vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida*”. Na ciência, tal como na vida, especialmente na produção do saber científico, avolumam-se desencontros, tensões, dificuldades, mas, se esse saber ainda existe e resiste, particularmente no Brasil, certamente são aqueles especiais encontros que os possibilitaram.

Já alcançamos meados de novembro de 2022 quando escrevo este editorial e ainda são recentes as notícias de uma nova variante, precisamente, uma subvariante da Ômicron (Covid) denominada BQ.1. Desde a Gripe Espanhola, a pandemia causada pelo novo Coronavírus foi, de longe, a principal razão de graves desencontros em incontáveis vidas humanas por todo o mundo.

Embora marcada por tantos desencontros, a ciência se (re)faz cotidianamente, sobrevivendo com teimosia em meio a bizarros levantes terraplanistas, a excêntricos movimentos antivacina e a incomum desconfiança para com a universidade. Como quem resiste e insiste em continuar a existir, a ciência revela seu refazer, nesta edição, a partir de uma pequena parcela da luta de tantos cujas vidas e trabalhos são marcados pelo esforço por encontrar novas possibilidades de construção de um futuro e uma Educação melhores para o Brasil.

Tudo isso torna ainda mais curioso o fato do pernambucano Paulo Freire, educador brasileiro mais reconhecido por todo o mundo no que se refere à pesquisa educacional, ter assumido a esperança e o amor como conceitos fundamentais em sua teoria. Talvez por ter nascido quando o fantasma da Gripe Espanhola ainda

¹ Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor da Universidade do Estado Minas Gerais (UEMG), Unidade de Ituiutaba. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Desenvolvimento Profissional Docente-GEPEDI/UFU. E-mail: leandro.souza@uemg.br.

arrepiava o coração do mundo, tenha conseguido se sensibilizar para os encontros que, com esperança e com amor, podem se concretizar.

Ainda atual é seu alerta de que a esperança não deve ser espera daquele que apenas aguarda a novidade vinda do futuro. Pelo contrário, a esperança freiriana vem da luta daquele que reconhece ser possível um futuro melhor e se empenha em participar de sua construção. Hoje parece claro que não há eufemismo no termo luta, afinal, muitos já declararam um verdadeiro ódio contra aquele educador. Dentre os vários ataques já realizados contra sua memória, se destaca o ocorrido em 28 de junho de 2016, momento em que sua biografia é modificada no Wikipedia a partir de computadores públicos controlados pelo Serviço Federal de Processamento de Dados – SERPRO, ataque supostamente atribuído ao Instituto Liberal.

Se considerarmos que a luta é a ação daquele que resiste, que insiste em existir e que deseja participar da construção de um futuro melhor, principalmente quando tanto ódio foi destilado contra o nordeste brasileiro após as eleições deste ano, parece-me muito apropriado resgatarmos uma pequena parte do legado de outro nordestino, o baiano Raul Seixas. Na música *Segredo da Luz* (1983), o brilhante artista afirma que “o ódio não é o real, é a ausência do amor”. Se estiver correto, talvez tenhamos uma pista da forma como o amor poderá, efetivamente, vencer o ódio e, assim, permitir que aquele futuro melhorado possa surgir.

Alguém poderia me acusar de utópico, sim, preciso concordar com tal acusação. Marilena Chauí, em um ensaio denominado *Notas sobre a utopia* (2008), faz uma interessante análise etimológica da palavra utopia e demonstra seu sentido mais essencial, que define um “não lugar”, ou um “lugar nenhum”. De fato, um futuro e uma Educação melhorados hoje não existem. Hoje, são essencialmente um “não lugar”, o que não significa dizer que nunca existirão.

Pelo contrário, acredito estar certo ao observar os conteúdos e as motivações dos trabalhos que compõe a presente edição e ver neles a parcela da luta daqueles que fazem a ciência se refazer a cada dia. Daqueles que esperançosamente continuam a lutar, sabedores de que o mundo, como construção histórica que é, pode ser no futuro melhor do que é hoje. Educadores e pesquisadores que definem a ciência nos poucos e valiosos encontros que, a partir dela, se revelam como vias potenciais daquele futuro pretendido. Humanos que fazem emergir de seu trabalho o

amor que preenche e vence o vazio odioso que nega a própria possibilidade da vida humana.

Nosso judiado cerrado, mesmo tão diminuído mostra que consegue sobreviver à dureza e sequeidão do inverno. E me lembrando dele, termino este editorial ao som suave de uma chuva primaveril que, tal como nossa esperança, faz este bioma brasileiro conseguir resistir e insistentemente continuar lutando por existir. Vida, encontros, ciência, educação, esperança, amor, luta, resistência, cerrado, sincronicidades que, com mais esta edição, revelam um pouco mais da UEMG, da Revista Intercursos e de todos que, juntos, a compõem.

Primavera de 2022.

Ituiutaba/MG.